

Vendas a prazo caem 30% em Brasília

Lojista culpa redução no prazo de financiamento. Supermercado vai de vento em popa

JOZAFÁ DANTAS
Da Editoria de Economia

Ao chegar para participar da reunião de um clube de diretores lojistas, um empresário desabafou em tom de desânimo: "Agora eu sei como o judeu se sentiu quando terminou a II Guerra Mundial". O empresário pode estar exagerando, mas depois de passar o dia sendo fiscalizado pelos chamados "fiscais do Sarney", ainda descobriu na reunião que as vendas a prazo do comércio varejista desabaram 30 por cento nos últimos 30 dias.

O presidente do Clube dos Diretores Lojistas do Distrito Federal (CDLDF), Joel Capanatti, jogou a culpa da queda na redução do prazo de financiamento para quatro meses, no dia 20 de fevereiro. Ele foi um dos mais afetados, pois a loja que gerencia, a Sears, localizada no Conjunto Nacional Brasília, só vende produtos caros, para as chamadas classes "A" e "B", esta última em pequena escala.

Aliado à limitação do pagamento do crédito, observa Joel, o plano de estabilização da economia, imposto no dia 28 de fevereiro, também ajudou a "triturar" o comércio. Ele diz que o "varejo está traumatizado" e espera que o Governo revogue o pacote do dia 20 de fevereiro, para que o "comércio tenha uma boa recuperação".

Para reforçar suas palavras, Joel Capanatti sustenta que as consultas ao Departamento de Proteção ao Crédito (DPC) caíram. No dia 21 de fevereiro, quando o comércio ainda estava atordoado com o primeiro pacote, foram feitas apenas 2.400 informações, enquanto a média diária era superior a 4 mil. No dia 17, do mesmo mês, o DPC chegou a receber 6.700 pedidos.

Depois do plano, no dia 4 passado, as consultas ao DPC desabaram também para 2.600. Mas, com algumas definições, como as taxas de juros das financeiras, a entidade passou a ser mais solicitada. No último dia 17 foram feitos 4.600 pedidos de informações. Capanatti espera que a partir de agora o comportamento do comércio varejista volte à normalidade.

As vendas à vista estão normais e não regrediram nos primeiros dias do pacote econômico. As vendas a prazo só deverão ser normalizadas depois da divulgação da tabela da Sunab, na opinião de gerentes e vendedores de várias lojas localizadas no Plano Piloto e cidades-satélites. Os consumidores têm esperança na redução do preço de algum produto.

A fúria para comprar produtos tabelados é tanta, que todos os produtos que integram a lista inicial da Sunab já foram vendidos ressaltando raras exceções. O produto mais procurado é o televisor, em decorrência da febre da Copa do Mundo.

Para Euripedes José de Oliveira, gerente regional da Onogás, as vendas estão em franca recuperação. Ele espera que dentro de 30 dias o comércio volte ao normal e acha que isso só será possível depois da de-

finição dos juros, porque ninguém quer perder a oportunidade de comprar a prazo e por preço menor.

Apesar disso, as taxas de juros que estão sendo cobradas pelo comércio já mostram uma boa perspectiva para as vendas financiadas. A Onogás, por exemplo, cobra por uma geladeira de 280 litros Cz\$ 2.300,00. Esse valor financiado nas condições estabelecidas passa para Cz\$ 2.636,00, que é dividido em quatro parcelas iguais de Cz\$ 659,00. Antes do dia 28 de fevereiro, a prestação ficava em Cr\$ 860.000.

Uma geladeira marca Brastemp, tipo Fros-freeer, custa à vista Cz\$ 6.950,00 e financiada em 4 meses passa para Cz\$ 7.672,00, ou 4 parcelas iguais de Cz\$ 1.918,00. No modelo antigo a prestação era de Cr\$ 2.502.000. As informações foram prestadas por um vendedor, pensando que o repórter do **CORREIO BRAZILIENSE** era um cliente.

Se uma pessoa quer comprar um televisor de 14 polegadas, em cores, poderá pagar Cz\$ 4.690,00, ou 4 prestações Cz\$ 1.299,00, sem entrada. Antes para comprar um produto semelhante era preciso desembolsar Cr\$ 1.734.000. Esses preços foram colhidos no Ponto Frio Bonzão, loja Taguatinga.

A queda real do comércio só será sentida no final de abril, quando o Governo do Distrito Federal terminar de arrecadar o Imposto Sobre Circulação de Mercadorias (ICM). O ICM de janeiro, recolhido em fevereiro, foi de Cr\$ 96,86 bilhões, ou o correspondente em cruzados de Cz\$ 96,86 milhões. A grosso modo pode-se dizer que o faturamento do comércio foi de Cr\$ 570 bilhões, afóra o que foi songado, já que o cálculo leva em consideração a arrecadação do ICM.

As vendas podem cair porque vão faltar muitos produtos nas lojas. Oliveira conta que não recebeu ainda a tabela de nenhuma indústria, porque elas ainda estão estudando para saber como vão faturar. Mas ele acredita que a partir desta segunda-feira muitas indústrias já terão descoberto suas fórmulas. Oliveira disse que a única empresa a esquematizar suas vendas foi a CCE, mas não recebeu nenhum comunicado.

Mas, quem vem sentindo os efeitos dos pacotes são os comerciantes. Segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores nos Estabelecimentos Comerciais de Brasília, José Neves Filho, nos últimos dias já foram demitidas mais de 550 pessoas, o que representa uma média diária de 40 demissões. São mais de 40 mil trabalhadores no comércio do DF.

A redução de custos é a causa mais constante das demissões. Neves explica que no último dia 17 homologou uma rescisão contratual de um expedidor que trabalhava há 9 anos na Onogás. Eles alegaram que o salário líquido do rapaz — Cz\$ 1.012,00 — era muito alto e a empresa não podia continuar pagando. Agora, Neves vai lutar para aprovar no Congresso um projeto que impede esse tipo de alegação.

Se o Programa de Estabilização Econômica provocou um aumento considerável nas vendas dos pequenos e grandes supermercados — o gerente do Carrefour fala num acréscimo de 35 por cento —, os negócios vão mal para o comércio varejista, onde as vendas a prazo caíram 30 por cento. A culpa é da redução do prazo de financiamento para quatro meses, segundo o presidente do Clube dos Diretores Lojistas. Mas os negócios à vista permanecem estáveis e espera-se que a situação se normalize agora, com a divulgação do novo listão da Sunab. Complicadas mesmo estão as coisas para o comércio de confecções, em que não existe tabelamento.

CARLOS JACOBINA



Nos supermercados, produto tabelado vende rápido e às vezes some